

# VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 3 / nº 8 / 2º trimestre letivo de 2019



Caio Sant'Anna Barbosa,  
Mariana Toth de Souza  
e Luiza Souza Balbino,  
alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

# Livros e muito mais

A nova biblioteca do Vital evidencia o que o espaço pode oferecer aos estudantes além do acervo.

## E então, Suely, como tem sido a reação da comunidade do Vital à nova biblioteca?

A melhor possível! Os retornos têm sido superpositivos, tanto de alunos e professores como das próprias famílias, que têm elogiado o novo espaço nas redes sociais. Eu tenho visto alunos comentando, uns com os outros, como a biblioteca está legal, e os professores têm mostrado entusiasmo em aproveitar os novos recursos e oportunidades que o espaço traz.

## Que recursos e oportunidades são esses?

Uma biblioteca escolar é mais do que apenas um repositório de livros. Idealmente, ela é um ambiente de múltiplos aprendizados. Para os bem pequenos, por exemplo, ela é um primeiro lugar de encantamento com o mundo das letras e da leitura, onde eles podem ouvir as



professoras contarem histórias ou consultar e folhear livremente as obras nas estantes. Também é um espaço de aprendizado social, com regras de conduta que valem para todos, como fazer silêncio, utilizar o bem coletivo com cuidado e consciência, etc. À medida que crescem, a biblioteca se torna também um ambiente que os ensina a pesquisar, que é fundamental hoje em dia. Falo da capacidade de saber o que procurar e onde procurar, de discernir as fontes confiáveis, tanto em materiais impressos como na internet, já que eles também têm computadores à disposição – e, sempre que preci-

sarem, a orientação qualificada do bibliotecário. A nova biblioteca é tudo isso, além de ser muito mais ampla: são 235 m<sup>2</sup>, praticamente todo o andar, o que permite atividades com turmas inteiras (antes, isso não era possível). É mais confortável: o aluno pode ficar em mesas individuais ou coletivas, ou se esparramar nos pufes e almofadas, ou na arquibancada, que tem tomadas e entradas USB. E, para os professores, é mais versátil, permite várias estratégias didáticas.

## Como quais?

Já falei das rodas de contação de histórias, mas podemos pensar em saraus, dramatizações, apresentações de trabalhos – recentemente, alunos do Inglês apresentaram palestras ao estilo das TED Talks para os colegas –, aulas-tema, videoconferências com convidados do Brasil e do mundo... O

ambiente da arquibancada é certamente um grande destaque, mas vale dizer que o tamanho do espaço inteiro dá a medida do valor que a biblioteca escolar tem, para nós, como ambiente de vivências, de convivências e de saber.

## E o que será feito da antiga biblioteca?

Estamos estudando ainda. Mas certamente será outro espaço muito bem aproveitado para atividades pedagógicas diversificadas. O foco é sempre pedagógico.

**EXPEDIENTE ViBRA é um órgão de comunicação do Colégio Vital Brazil.** Colégio Vital Brazil: Av. Nossa Senhora da Assunção, 438, Vila Butantã, São Paulo/SP – (11) 3712.2218 – www.vitalbrazilsp.com.br **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção Pedagógica:** Suely Neroessian Corradini **Direção Administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** André Rebelo, Kátia Kobal, Mônica Lemos, Roberto Leal, Suely Neroessian Corradini **Projeto e Coordenação Editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Textos:** Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni (pág. 12) **Fotografias:** Rafael Silva Machado, Rodrigo Jacob (capa) **Revisão:** Adriana Duarte **Produção Gráfica:** Adriana Vaccari **Impressão:** Ciagraph Gráfica – 2.500 exemplares **Distribuição gratuita.** 2º trimestre letivo de 2019.

# Como escolher minha profissão?

Por **André Rebelo**, coordenador pedagógico do Ensino Médio do Vital.

Calma: sua escolha não é definitiva. Se mais tarde você mudar de opinião, tudo bem. Aliás, o mercado atual é tão dinâmico que mudanças de rumo – de cargo, de função, até de área – são comuns. Dito isso, é possível fazer uma escolha inicial mais assertiva.

**1 CONHEÇA-SE A SI MESMO(A).** Estamos aqui para ajudá-lo(a) a tomar uma decisão. Ainda assim, a decisão é sua. Pergunte-se do que você gosta. Comece pela área do conhecimento: Humanas? Exatas? Biológicas?

**3 RECONHEÇA A INFLUÊNCIA FAMILIAR.** Traçar sua árvore genealógica com as profissões de cada parente pode ajudar a ver de onde vêm suas ideias. Para ratificá-las ou para descartá-las.

**4 AMPLIE SEU CAMPO DE POSSIBILIDADES.** Definida sua área de interesse, procure conhecer todas as opções profissionais. O gosto por Ciências Biológicas pode levar ao campo da Saúde, mas também ao da Agronomia, ou ao da Zootecnia. A chave aqui é: pesquisa.

**6 TENHA UM PLANO B.** Mesmo se estiver determinado(a), abra outras possibilidades: uma segunda opção no Sisu, um vestibular para uma área correlata em uma universidade que não tem o seu curso. Se o plano A falhar, o plano B pode ser acionado temporariamente. E talvez você até se descubra nele.

**2 PENSE ALÉM DA ESCOLA.** O que você gosta de ler, de assistir? Perguntas como essas revelam caminhos, principalmente se você souber por que gosta do que gosta. Tem gente que curte a trama política de *Game of Thrones*; outros, a parte mitológica. São dois perfis diferentes. Tem alunos que pensam em fazer Jornalismo porque gostam de escrever. A pergunta mais importante é: sobre o quê?

**5 ESTUDE SUAS OPÇÕES.** O que faz um agrônomo? Um zootecnista? Onde trabalha, com quem, quais suas atribuições? Estude a realidade das profissões, o dia a dia concreto. Leia, converse com profissionais do ramo. Não dê peso indevido ao mercado de trabalho: o mercado muda, oportunidades flutuam, salários também.



# A criança no centro

O que a BNCC trouxe de novo para a Educação Infantil no Brasil – e por que no Vital a mudança não foi tão grande assim.

**Um dia, no início do ano, ao entrar na sala de aula, os alunos da professora Ângela Freitas encontraram uma carta misteriosa.** A primeira de uma série de pistas que levariam aquela turma do Pré II a uma caça ao tesouro: “Qual animal tem focinho comprido, língua fina e come formigas?” Sabedores da resposta, os alunos saíram atrás da imagem de um tamanduá pelos ambientes do Vital. Acharam-na próximo à escada, onde novo enigma os aguardava, sobre outro animal para procurar. De pista em pista, chegaram até o bosque que fica ao lado da garagem. Lá estava uma tenda, com esteira e almofadas para sentar, e uma cesta com exemplares do *Abecedário de Bichos Brasileiros*. O conhecimento – do alfabeto, dos animais ilustrados no livro e também daqueles encontrados pelos alunos no bosque, como borboletas e joaninhas – era o tesouro que procuravam.

A aventura foi o disparador do projeto “Abecedário do Mundo Animal”, que se estenderia pelas semanas seguintes, culminando na confecção de um novo abecedário da turma.

O que pode parecer um projeto pedagógico como outro qualquer tinha, porém, dois aspectos que valem ser ressaltados. O primeiro: cada classe do Pré II produziu o seu abecedário particular, de acordo com suas investigações. Se, tendo encontrado um tatuzinho no bosque, os alunos de uma turma decidiram associar o animal à letra T do seu dicionário, outro Pré II poderia ilustrar o mesmo verbete com a tartaruga, ou o tamanduá. Nem mesmo a sequência das letras trabalhadas seria igual em todas as classes, variando de acordo com o interesse da turma ou a estratégia adotada.

O segundo ponto é que o projeto não se limitou a uma disciplina específica, ten-

do proporcionado aprendizados diversos. Não era um projeto de Língua Portuguesa, embora tratasse do alfabeto e da relação entre letras e sons. Não era de Ciências, embora envolvesse pesquisas sobre seres vivos, suas características e hábitos. Tampouco era de um dos professores especialistas da Educação Infantil, embora tenha motivado atividades como a produção de “autorretratos” inspirados em animais, por exemplo, nas aulas de Artes.

Tratou-se de projeto estruturado em torno de vários campos de experiências e planejado para cumprir certos objetivos (intencionalidade), mas adaptável às dinâmicas de cada turma (flexibilidade). Que é exatamente o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil.

## Aprendizado nas brincadeiras

Definida em dezembro de 2017, a BNCC trouxe como principal novidade para a Educação Infantil a organização do currículo em cinco “Campos de Experiências”:

1. O Eu, o Outro e o Nós;
2. Corpo, Gestos e Movimentos;
3. Traços, Sons, Cores e Formas;
4. Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação;
5. Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações.

Segundo a doutora em Educação Beatriz Ferraz, essa mudança “rompe com a perspectiva de um currículo baseado nas disciplinas e valoriza a estrutura de um currículo baseado na criança, nas suas experiências”<sup>1</sup>.

Se soa como “pedagogês” para “tudo pode”, é importante ressaltar que a Base ainda define objetivos específicos de aprendizagem a que toda criança tem di-

reito. Por exemplo: “escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas” é um dos objetivos do campo “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação” para crianças entre 4 anos e 5 anos e 11 meses. A definição, no entanto, de quais livros, temas, ilustrações e palavras serão trabalhados – e de como serão trabalhados – vai depender de cada escola, de cada professor, com base nas vivências de seus alunos.

“Nós já colocávamos a criança como protagonista do aprendizado, já tínhamos essa flexibilidade para adequar a sequência didática aos centros de interesse da criança”, diz a professora Ângela Freitas, explicando por que, no Vital, a mudança proposta pela BNCC talvez seja sentida pelas famílias mais como uma questão de nomenclatura.

“Estudamos muito a Base, promovemos uma formação da equipe no novo documento e cotejamos tudo que já fazíamos com o que era pedido”, diz Cybele Roncato, coordenadora assistente da Educação Infantil, que concorda com Ângela. “A ideia de trazer brincadeiras e interações como eixos estruturantes, por exemplo, já era muito forte em nós”.

O projeto “Cores, Formas e Texturas” do Maternal é outro bom exemplo. Inspirados no livro *Elmer, o Elefante Xadrez*, os alunos descobrem muita coisa sobre o mundo, literalmente, brincando. No “bingo do Elmer”, as cartelas trazem o desenho do personagem decorado pe-

los alunos, como eles quiserem: pintado a lápis ou a giz de cera, com colagem de papel picado, tule ou fita, etc. Os tipos de cor, forma ou textura que houver nas cartelas servem como os números do bingo, que a professora vai “cantando”: “Papeli! Preto! Tule!” É tudo uma brincadeira, como é brincadeira a busca pelo Elmer, quando ele “foge” da sala de aula e “vai se esconder” no banco de areia do pátio, onde novas atividades estão planejadas. Mas, nas brincadeiras, há aprendizados: sobre elefantes (comem frutas, têm no corpo uma pelagem fina, deixam uma pegada característica, etc.), sobre sensações táteis, visuais, auditivas e sobre o interagir com as pessoas e o mundo em volta.

Para Cybele Roncato, embora a adequação à BNCC não tenha acarretado mudanças radicais nos projetos do Vital, ela conduziu a um aperfeiçoamento da matriz curricular e dos planejamentos anuais, mensais e semanais das séries. E, o que é mais importante, a uma maior coesão da equipe, que leva a um diagnóstico mais preciso da evolução de cada aluno. “Agora, todos os professores – regentes e especialistas – fazem juntos o preenchimento dos indicadores de avaliação dos alunos”, diz ela. “Nós nos reunimos e todos compartilham informações sobre cada criança; as reflexões entre os educadores proporcionam um mapeamento das conquistas atingidas e dos avanços almejados, de maneira individual, respeitando o processo e a particularidade de cada criança”.

- 1 Com um projeto que já via a criança como protagonista do aprendizado, adequava-se aos centros de interesse do aluno e se estruturava em torno de brincadeiras e interações, a Ed. Infantil do Vital não sofreu grandes mudanças com a BNCC.
- 2 Para as famílias, a diferença mais sentida talvez seja de nomenclatura: saem as antigas “áreas do conhecimento”, entram os “campos de experiências”.
- 3 A BNCC serviu, contudo, para aperfeiçoar os planejamentos pedagógicos e a avaliação dos alunos, agora feita em conjunto por toda a equipe: regentes e especialistas.



Na pág. ao lado, a turma do Pré II sai à procura de bichos brasileiros pelo Colégio, numa jornada que os levará a um tesouro; acima, alunos do Maternal exploram cores, formas e texturas com a ajuda do Elmer, o Elefante Xadrez.

<sup>1</sup> www.youtube.com/watch?v=gFU0YTVCH3c

# Prazeres matemáticos

Jogos, aplicativos, competições e modelos de aula não tradicionais fazem o ensino de Matemática mais vibrante e efetivo.

**Se alguém ainda crê na antiga (e falsa) ideia de que aprender Matemática é uma tarefa fria e desapaixonada,** somente para cérebros excessivamente racionais e pouco criativos, uma aula do professor Pepa basta para desfazer o engano. Frieza é o que não se vê quando Pepa – Pedro Paulo Siqueira, na carteira de identidade – comanda os bingos em classe para suas turmas de 6º e 8º ano do Fundamental. Ou quando ele, ou outro professor do Vital, utiliza a plataforma de jogos educativos Kahoot para promover competições entre alunos, que, munidos de *tablets*, tentam responder o mais rápido possível aos *quizzes* matemáticos exibidos na tela da TV.

E definitivamente não foi frieza o que se viu em um sábado, no início de agosto, quando mais de 100 alunos do 6º ao 9º ano participaram da I Gincana de Matemática do Vital Brazil, organizada pela equipe de professores como um evento lúdico, movimentado – e inteiramente voluntário. Motivado apenas pelo prazer de lidar com números e exercitar o raciocínio lógico.

As equipes passaram horas realizando cálculos, decifrando enigmas e encontrando pistas espalhadas pelo Colégio, literalmente correndo para solucionar desafios antes das demais, numa disputa que, além de pôr à prova o conhecimento matemático, exercitou competências como colaboração, criatividade e autonomia dos alunos. A animação de todos era evidente, incluindo os professores e os 29 alunos do Ensino Médio que se ofereceram para ajudar como monitores da competição.

Embora tenha sido criada este ano, o espírito da Gincana está presente no Colégio desde a fundação. “Há sempre a necessidade de superar aquela aula de Matemática monótona, com alunos sentados em fileiras, ouvindo o professor passar conteúdo”, diz Pepa, que também é assessor de Tecnologias Educacionais do Vital. “A aula sempre pode ser mais dinâmica, buscando o prazer do aluno, o querer aprender”.

Vem dessa visão, que Pepa compartilha com o resto da equipe, a procura constante por práticas e recursos

diferenciados para despertar o interesse dos alunos, como o Kahoot, ou o GeoGebra – aplicativo que permite ao usuário criar e animar figuras no computador, manipulando suas definições algébricas e geométricas. Mesmo um simples jogo de bingo, que só precisa de lousa, marcador e cartelas, faz sucesso. “No bingo de frações do 6º ano, eu escrevo no quadro, por exemplo,  $2/6$ ; se o aluno tiver uma fração equivalente na cartela, como  $1/3$ , ele marca”, explica o professor. Em níveis mais difíceis ou em séries mais avançadas, o jogo envolve equivalências entre frações e números mistos ( $5/2 = 2 \frac{1}{2}$ ) ou porcentagens ( $1/4 = 25\%$ ).

## O Valor do Grupo

Mas não é só de jogos que se fala quando se pensa em um ensino de Matemática mais efetivo. A motivação do aluno é, afinal, apenas um meio para o real objetivo: o aprendizado.

Daí por que os professores do Vital se valem de outras dinâmicas e modelos de aula em seu planejamento pedagógico, como o da aula invertida, em que a exposição ao conteúdo é feita em casa, por meio de apresentações de PowerPoint ou vídeos, e os exercícios, que tradicionalmente seriam a lição de casa, são feitos em classe. “Eu uso os primeiros 15 minutos para repassar o conteúdo que os alunos viram em casa, e, nos 30 restantes, coloco a turma para resolver exercícios”, diz Pepa.

A resolução de problemas em classe – frequentemente em duplas ou coletivamente – é uma das estratégias mais usadas pelos professores. “Ninguém aprende Matemática sem fazer exercício”, diz Maria Rita Jordão, professora de 7º e 9º ano, ressaltando, porém, que “fazer exercício” não precisa ser tarefa solitária. Mais importante do que achar a resposta certa, para o aprendizado, é conhecer, analisar e debater formas de se chegar à resposta certa. Ou descobrir por que não se chegou a ela.

Se dois alunos resolvem a mesma questão de maneira diferente, explica a professora, um aprende com o outro



Na I Gincana de Matemática do Vital Brazil, problemas matemáticos e desafios lógicos levaram a um só resultado: um sábado de intensa diversão.



uma nova forma de pensar, uma linha de raciocínio talvez mais simples e eficiente na resolução de problemas semelhantes no futuro. E a idade ajuda na comunicação entre ambos. “A linguagem do aluno está mais ‘ajustada’ à dúvida e à dificuldade do colega”, diz Maria Rita.

Outra prática que Maria Rita costuma usar é o que ela chama de “trabalho de metacognição”, que requer do aluno analisar o próprio erro e aprender com base nele. “Eu posso entregar a prova e pedir a ele que corrija, apontando que tal questão está errada mas sem dizer qual é o erro”, diz a professora, que pede ao aluno que ponha no papel frases como: *Eu erreí o sinal do resultado da equação porque, na multiplicação, dois negativos formam um positivo*. “Se eu apenas colocar no quadro, ele esquece. Mas, se ele procurar, encontrar e escrever, isso consolida nele o conteúdo”.

O mais importante de práticas como essas de Pepa e Maria Rita é que não se trata de iniciativas individuais, que os professores tomam por conta própria, mas reflexo de uma política coletiva da equipe do Vital, de aprimoramento constante. “Nossa busca por modernizar e qualificar o ensino não para: estamos sempre fazendo cursos de capacitação, toda semana eu me reúno com os professores para ouvir o que cada um está fazendo, discutir e compartilhar estratégias e recursos, listas de exercícios, provas”, diz o assessor de Matemática do Vital, Vanderlei Cardoso.

A Gincana de Matemática é exemplo do alinhamento – e entusiasmo – do grupo em torno desse objetivo. “A aceitação foi geral. Todos os professores participaram da elaboração das provas, fizeram uma vaquinha para confeccionar camisetas com o logo da Gincana”, diz Vanderlei (o logo foi criado por alunos do 9º ano, na aula de Arte). “Alguns pareciam crianças de tão felizes”.

Para Maria Rita, o objetivo de eventos como a Gincana, ou a Olimpíada Matemática sem Fronteiras, que envolve alunos do 5º ano à 2ª série do Médio e que também valoriza a cooperação (a classe inteira participa como equipe), é justamente o de despertar a alegria da Matemática, o gosto pela matéria. E, com ele, os resultados. “Não é à toa que fomos o 1º lugar nacional no simulado Geekie de Matemática do ano passado”, diz a professora, com orgulho matematicamente justificado.

**1** A equipe de Matemática do Vital está sempre em busca de novas e melhores práticas e recursos para tornar as aulas mais dinâmicas e motivadoras.

**2** São exemplos as aulas invertidas, aulas de resoluções coletivas de exercícios, aplicativos, jogos e competições como a Olimpíada Matemática sem Fronteiras ou a Gincana de Matemática.

**3** A adesão dos alunos a eventos como a Gincana prova que a Matemática pode estar associada a entusiasmo, curiosidade, cooperação, criatividade e autonomia.

# Apelo à gentileza

Projeto de Inglês semeia atos de carinho e solidariedade pelo Colégio e reflexões importantes em sala de aula.

*“Why do people never say that they appreciated someone’s action, beauty or creation? Why do people never encourage other ones - always keep it in their heads? That must change!”*

(“Por que as pessoas nunca expressam admiração pela ação, pela beleza ou pela criação dos outros? Por que as pessoas nunca encorajam umas às outras, sempre guardam para si? Isso tem de mudar!”)

*A Call for Kindness* (“Um Apelo à Gentileza”), Carolina Palavicini Gallardi, aluna do Vital Brazil.



**Às vezes, é simples assim.** Um elogio sincero, uma demonstração de interesse, um cumprimento acompanhado de um sorriso. No primeiro semestre do ano, um projeto do Departamento de Inglês do Colégio Vital Brazil serviu para lembrar aos alunos que não é preciso grandes esforços para se criar um ambiente bem mais agradável de se estar.

A concepção do projeto surgiu por ocasião da Semana Antbullying, no início de abril. Em busca de uma abordagem diferente para o tema, que tivesse caráter mais positivo (de boas ações) do que preventivo (de casos de *bullying*), a coordenadora assistente de Inglês, Maíra Malosso, encontrou na internet um concurso internacional de redação, promovido pela Goi Peace Foundation, entidade japonesa dedicada a fomentar uma cultura de paz, com apoio da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Com o tema “*Creating a Society Full of Kindness*” (“Criando uma Sociedade Repleta de Gentileza”), o concurso instigava crianças e jovens do mundo inteiro a refletir sobre o significado do termo “gentileza” e a propor formas de se criar uma sociedade mais gentil. Como inscrição, os participantes tinham de apresentar não só a redação (em inglês, alemão, espanhol, francês ou japonês) mas também uma lista de 10 atos de gentileza que pudessem realizar em seu dia a dia – atos simples, como “cumprimentar os outros na rua” ou “ajudar pessoas a carregar sacolas” –, como “inspiração” para a reflexão e a escrita.

A descoberta do concurso animou a Coordenação. “Além da Semana Antbullying, vínhamos querendo incentivar a participação dos alunos em mais eventos externos e internacionais, assim como as demais disciplinas fazem com olimpíadas acadêmicas, torneios, etc.”, diz Mônica Lemos, coordenadora do Departamento de Inglês. O concurso da Goi Peace serviu para atender às duas demandas.

Por um lado, 33 alunos do Vital se motivaram a concorrer: 9 na categoria *Children* (de até 14 anos) e 24 na categoria *Youth* (de 15 a 25 anos). O resultado, que pode render aos primeiros colocados prêmios de até 900 dólares e uma viagem para Tóquio, no Japão, será divulgado em 31 de outubro.



Declarações de amizade para os funcionários, bilhetinhos de incentivo escondidos em livros e roletas de ações gentis: o Inglês promove o afeto e a amabilidade no Vital.

Por outro lado, mesmo quem não inscreveu redações terminou sendo positivamente impactado, porque o teor do concurso deu ao Departamento de Inglês a ideia do que fazer para marcar participação na Semana Antbullying do Vital. Surgia a *Week of Kindness* (“Semana da Gentileza”).

## Roletas da Gentileza

Para dar início ao projeto e disparar a reflexão das turmas, as professoras passaram a exibir desenhos animados e vídeos nas aulas de Inglês em torno dos temas gentileza, solidariedade e empatia, propondo aos alunos continuar o debate: quais seriam outras “*actions of kindness*”? As respostas vieram sem demora – *Share your toys! Help your friend with homework! Talk to people who are alone or new at school!* (“Compartilhar seus brinquedos! Ajudar o amigo com a lição de casa! Conversar com pessoas que estejam só ou sejam novatas na escola!”) –, e logo cada turma havia produzido sua própria *Wheel of Kindness* (“Roleta da Gentileza”), um recurso lúdico para incentivar os alunos a executar, na prática, as ações descritas no papel.

Nos intervalos, conta Mônica, era visível o efeito do projeto. Os alunos saíam pelos corredores e pátios chamando outros amigos para brincar, colando bilhetinhos com frases motivacionais nas paredes, portas, livros na biblioteca (“bilhetinhos *everywhere*”), cumprimentando e conversando com os funcionários do Colégio. A interação com os funcionários foi o ponto alto do projeto, segundo a coordenadora, por fazê-los refletir sobre como, às vezes, podemos nos esquecer de dar a devida atenção a pessoas tão importantes para o nosso dia a dia e que estão tão próximas. “Quisemos instigar esta reflexão: vocês sabem o nome da pessoa que limpa a sua sala todo dia? Ou a que recebe vocês na portaria? Quando vocês vão à enfermaria, e a enfermeira pergunta como estão, algum de vocês já perguntou como ela estava?”, diz Mônica.

Pelas semanas seguintes, no corredor do Inglês, murais com envelopes continuaram sendo alimentados com sugestões de pequenas gentilezas, depositadas por alunos e professores.



O foco em gentilezas, contudo, não impediu que discussões mais sérias sobre o tema original do projeto, o *bullying*, acontecessem nas aulas. “Relatos reais sobre desavenças passadas ainda apareciam”, diz a coordenadora. “Se um aluno sugeria colocar na roleta ‘Ajudar o amigo’, a professora perguntava: ‘Por que isso é importante para você?’ E aí vinham relatos. Mas também tivemos ótimas surpresas. Descobríamos que um aluno visitava idosos em um asilo, ou que outra tinha doado cabelos para confecção de perucas, para pessoas com câncer”.

O fato foi que o tema rendeu, e rendeu boas conversas – o que, além de tudo, conferiu maior valor pedagógico ao projeto: “O assunto tomou a cabeça dos alunos, eles se soltaram mais, e o medo de falar Inglês em público ficou em segundo lugar”, diz Mônica.

Para os alunos do estágio Intermediate 2 C, da professora Lúcia Fernandes, o processo chegou a ser até terapêutico. De uma integração assumida por todos como difícil no início do ano (“a gente era uma sala agressiva, as pessoas se xingavam”, relata um aluno) –, o grupo passou a se ouvir, a escolher palavras com mais cuidado e a se respeitar. “Além de aprender inglês, a gente aprendeu sobre ética, a lidar com os conflitos de uma forma muito mais de paz. Hoje, a gente vem para a sala pensando: ‘Que bom que vai ter aula de Inglês!’”, diz o jovem Felipe Ramon, arrancando lágrimas da professora. Mais uma prova de que pequenos atos de gentileza podem fazer grande diferença.

**1** No primeiro semestre, o Departamento de Inglês promoveu, entre os alunos, a reflexão sobre a importância da gentileza e da empatia no dia a dia das pessoas.

**2** Além de proporcionar discussões ricas em sala, o projeto incentivou os alunos a praticar atos simples de gentileza, como cumprimentar os funcionários e ajudar os colegas.

**3** Alguns aproveitaram o mote para participar de um concurso internacional de redação sobre o tema, que pode lhes render prêmios em dinheiro e uma viagem ao Japão.

# Agentes da mudança

Com o Prêmio InovaVital, alunos aprendem a ser empreendedores capazes de fazer a diferença no mundo.

## Um carregador de celular à base de energia solar.

Um aplicativo para famílias trocarem livros, uniformes e materiais escolares. Um *site* que reúne textos de jovens escritores em busca de reconhecimento. Um dispositivo tátil que converte arquivos digitais de texto para o braille. Um sistema de tubulações que separa o lixo doméstico reciclável. Uma campanha para a redução de copos de plástico na escola. Uma carroça para moradores de rua que também serve como abrigo.

Até o ano passado, talvez nenhum dos responsáveis por esses projetos, alunos do Vital Brazil, tivesse se mobilizado para desenvolvê-los, ou sequer tido a ideia de criá-los. Desde que o Prêmio InovaVital foi anunciado, porém, no início de abril, foi isso o que eles fizeram. E terminaram sendo selecionados como finalistas em sua categoria (categoria B: do 6º ao 8º ano do Fundamental), junto a outros três projetos da categoria C (do 9º ano à 2ª série do Médio): uma lixeira inteligente, que identifica resíduos recicláveis; um sistema de aquaponia, para cultivo de orgânicos em ambientes domésticos; e biodigestores, para produção de biogás em hospitais.

Os vencedores de ambas as categorias serão anunciados no dia 10 de outubro, mas há um resultado que já pode ser anunciado e celebrado como a maior realização do Prêmio InovaVital: o sentimento, disseminado pela comunidade do Vital, de que, quando se tem a consciência de algum problema no mundo, a motivação para resolvê-lo e o conhecimento necessário, qualquer um pode ser agente de mudança. Um

aprendizado compartilhado pelos alunos responsáveis pelos 105 projetos inscritos no Prêmio, mas também por seus professores, familiares e amigos que os ajudaram a botar em prática suas ideias de um futuro melhor.

Naturalmente, investir-se do espírito de inovação e protagonismo promovido pelo Prêmio significou movimentos e níveis de compreensão diferentes para as diferentes faixas etárias. No caso da Educação Infantil e do Fundamental I, era preciso, primeiro, que os alunos entendessem a visão por trás do InovaVital, antes de partir para as ideias concretas de seus projetos.

“Nosso grande desafio foi trazer a noção de empreendedorismo para as crianças, de forma clara”, diz Cybele Roncato, coordenadora assistente da Educação Infantil. Assim, se para os mais velhos já seria mais fácil pensar em problemas do mundo, em sentido mais abrangente, para os pequenos, as propostas giraram em torno do mundo com que eles mais diretamente têm contato: o próprio Colégio. “Promovemos conversas sobre o que poderia ser melhorado aqui no Vital”.

Professora do Pré II, Ângela Freitas conta como se deu a conversa com seus alunos, que levou à escolha de um projeto em benefício do bosque do Vital. “Quando surgiu o Inova, a turma já estava envolvida em outros projetos no bosque, e os alunos ficaram bem atidos, propondo ideias: ‘Uma casa na árvore! Um escorregador!’ Nosso papel foi o de incentivar esse espírito, mas orientar os alunos a objetivos mais factíveis: ‘Tá, tudo isso é bem legal, mas o que eu posso fazer?’”, diz a

professora. Até que alguns alunos notaram que havia comedouros para pássaro espalhados pelo bosque – pratinhos com pedaços de frutas postos por funcionários do Colégio –, mas poucos pássaros. Por que seria? Por falta de água, talvez?

Veio daí a ideia de fabricar bebedouros para passarinho com garrafas PET. Foi o mesmo material usado pela turma do Maternal para fabricar lixeirinhas para o bosque. “O interessante é que tanto os lixeirinhas como os bebedouros para passarinho podem ser usados em outros lugares, nos carros, em praças, parques”, diz Ângela. “A ideia é motivar os alunos e as famílias a levar esse espírito de inovação e de contribuição para a sociedade para fora do Colégio”.

Os dois exemplos ilustram bem a dinâmica geral dos projetos inscritos na categoria C do InovaVital (da Educação Infantil ao 5º ano). Participando do Prêmio de forma não competitiva, foram elaborados em cada classe coletivamente e consistiram em pequenas mas importantes melhorias que os alunos podiam fazer no ambiente à sua volta. E não apenas melhorias materiais, como bebedouros e lixeirinhas, ou brinquedos fabricados de sucata e composteiras, mas também campanhas de incentivo à leitura, oficinas de dobraduras, “dias do abraço”, cartinhas de incentivo para distribuir entre os amigos, entre outras. Todas elas, ideias decididas em grupo, em rodas de conversa (no caso dos pequenos) ou em assembleias, com grau crescente de autonomia dos alunos na escolha dos temas que mais importavam para eles.

## Voz ativa e capacidade de gestão

Mas foi a partir do 6º ano que o Prêmio adquiriu significado realmente pessoal para os alunos, cuja participação expressiva – foram 76 equipes nas categorias B e C, de caráter voluntário – mostrou que a iniciativa veio atender a um anseio que talvez eles mesmos não tivessem se dado conta. “A motivação por trás do InovaVital é a de ‘ser protagonista’, ‘participar da sociedade’; e o interessante é que essa é uma

demanda natural dos alunos a partir dessa idade. Eles estão sempre querendo opinar sobre as coisas do Colégio, ter voz ativa nas decisões. E foi isso que falei para eles: o Inova é a hora ‘dessa gente bronzeada mostrar seu valor’”, brinca Roberto Leal, coordenador pedagógico do Fundamental II.

Segundo Roberto, o entusiasmo dos alunos em exercitar sua autonomia cidadã foi visível (“muitos trataram suas ideias com um sigilo quase industrial, não contavam nem para os pais”) e se refletiu também na equipe de professores. “Nem todos atuaram como orientadores de projeto, mas todos fomos motivadores”, diz o coordenador.

Se a escolha dos temas em si já foi um exercício de olhar crítico (sobre o mundo) e de criatividade (para a proposta de intervenção), a execução das ideias também serviu de aprendizado. Debruçados sobre problemas diversos, do interesse pessoal de cada um – conservação de recursos naturais, combate ao *bullying*, auxílio à população carente, inclusão de pessoas com deficiência, etc. –, os alunos tiveram de cumprir, na prática, várias etapas envolvidas na gestão de projetos. Desde pesquisas de tecnologias (como a aquaponia, que promove o cultivo de alimentos integrado a um sistema de piscicultura) a pesquisas de mercado (para comparar o preço de copos biodegradáveis e de plástico, por exemplo), passando por entrevistas em campo (para conhecer melhor as necessidades de moradores de rua), prototipação, teste e validação; sem falar da venda das ideias em si, etapa crucial para qualquer empreendedor em busca de recursos. Não por acaso, a dinâmica da apresentação é um dos quatro critérios de avaliação dos finalistas, além de potencial inovador, sustentabilidade e aplicação no cotidiano.

“Esse exercício de empreendedorismo é um dos aspectos mais importantes do Prêmio InovaVital”, diz o coordenador do Ensino Médio, André Rebelo. “Seja quem for os vencedores, terá sido um grande ensaio para o que muitos deles viverão no mercado de trabalho”.



1 Alunos do Maternal confeccionam lixeirinhas com garrafas PET, como projeto do InovaVital.



2 Aluno do 2º ano B planta flores no bosque do Vital: fazendo o mundo melhor, a começar pelo mundo mais próximo, o Colégio.



3 Alunos do 3º ano se divertem com brinquedo de sucata.

4 No intervalo, a turma do 5º ano organiza brincadeiras para a participação de todos: a inovação pode estar também na forma como interagimos uns com os outros.



5 Grupo do 6º ano constrói um carrinho que serve também como abrigo para moradores de rua. Da concepção à prototipação, aprendendo a tirar as ideias do papel.

# A decisão de Igor



Ex-aluno conta como interesses acadêmicos e memórias afetivas contribuíram para a sua escolha de vestibular.

**Faça o teste: jogue no Google “Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia”.** Você verá que muitos resultados relacionam o curso às profissões em alta no momento e com um futuro cada vez mais promissor no mercado de trabalho. Isso não acontece por acaso. Esse tipo de engenheiro tem uma formação multidisciplinar, que envolve Ciências Biológicas, Química e Exatas. Ele é o profissional que utiliza sistemas biológicos (micro-organismos, células, enzimas) para desenvolver ou transformar processos e produtos. Num mundo que caminha em direção à sustentabilidade, que avança nas pesquisas médicas e farmacêuticas, que precisa produzir alimentos em quantidades industriais, ele, o engenheiro de bioprocessos e biotecnologia, é o cara.

Mas não foi a perspectiva de emprego ou de bons salários que atraiu Igor Negreiros Piazenski, 19 anos, para esse ramo da Engenharia. Pense num jovem “meio perdido” sobre qual faculdade fazer. Era assim que Igor se sentia há pouco mais de dois anos, quando terminava o Ensino Médio no Vital Brazil e tinha de prestar o vestibular. “Gostava de várias coisas e estava muito na dúvida a respeito do curso. Então, resolvi correr atrás”, lembra Igor.

O que ele fez foi, primeiro, levantar o currículo dos cursos em que estava interessado – levando-o a descartar duas possibilidades que, até então, estavam no radar: Direito e Medicina. “Eu pegava um marcador de texto e ia colorindo as disciplinas de que não gostava”. Outra providência foi buscar orientação do coordenador do

Ensino Médio, André Rebelo. “Ele me abriu um leque grande de possibilidades nas engenharias. Foi assim que descobri Bioprocessos e Biotecnologia”, diz Igor.

De saída, o que o atraiu ao analisar a grade de disciplinas do curso foi a possibilidade de juntar Exatas e Biológicas, áreas que sempre foram de seu interesse. Mas o empurrão definitivo veio de uma memória afetiva: a possibilidade de reencontrar Curitiba. Igor se mudou para a cidade na infância, por causa de compromissos profissionais do pai. “Lembro que era a primeira vez que saía de São Paulo, que trocava de escola; estava muito apreensivo. Mas adorei a cidade, fiz muitos amigos e sempre pensei em voltar”. Quando descobriu que a Universidade Federal do Paraná (UFPR) oferecia o curso de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia na capital, o primeiro do gênero a se estabelecer no País, no ano 2000, Igor achou o que procurava. Ele também prestou o vestibular da Universidade Estadual Paulista (Unesp) para o mesmo curso e foi aprovado – mas, claro, optou por Curitiba.

E o que tem achado da experiência, depois de quase dois anos? “Como o curso é muito específico dentro das engenharias, somos como uma família. Todo mundo se conhece, frequentamos o mesmo prédio. Isso me agrada muito”, diz. “O nível também é elevado, e, nesse sentido, a formação no Vital ajudou muito. O Colégio me ensinou a estudar”. Quanto ao reencontro com Curitiba, admite: “Não foi o que esperava. Afinal, era uma memória da infância. Mesmo assim, estou curtindo essa volta”.